

CORONAVÍRUS



09/12/2016 - Imagem aérea feita pela Funai de indígenas Yanomami que vivem isolados em Roraima
Imagem: Acervo Funai/FPEYY



Alejo Schapire e Raphael Morán

02/04/2020 16h27

O anúncio do primeiro caso de [coronavírus](#) em uma reserva indígena do Brasil chamou a atenção para a situação dos povos autóctones, que correm um risco ainda maior com a pandemia.

Essas populações, especialmente as que se isolaram voluntariamente, são historicamente muito mais vulneráveis a doenças vindas do exterior porque não são imunizadas contra muitas patologias.

RELACIONADAS



Peru fará rodízio entre homens e mulheres nas ruas a partir desta sexta



Coronavírus: hidroxicloroquina não mostra eficácia em hospital francês

A Coordenação de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), que reúne representantes dos autóctones de nove países da América do Sul, vem alertando para a necessidade de que os Estados reforcem a proteção de povos vulneráveis.

E a confirmação ontem de que uma indígena da etnia kokama havia sido diagnosticada com o novo coronavírus no estado do Amazonas confirmou o que muitos temiam: a pandemia de covid-19 já chegou nas tribos da Amazônia e do Chaco, na Argentina.

Segundo a COICA, é indispensável que "os governos da região, controlam as Forças Armadas e os Ministérios da Saúde, não permitem que pessoas não indígenas entrem nos territórios onde os povos indígenas estão em isolamento voluntário, porque são os mais vulneráveis", disse Gregorio Mirabal, coordenador geral da organização à RFI.

Para ele, "o Estado precisa implementar uma política para não permitir a entrada nas comunidades onde há acesso por via terrestre ou fluvial, além de impedir o turismo ou a as organizações religiosas que desejam agir nas comunidades", insiste Mirabal, lembrando que nessas raramente há infraestrutura de atendimento médico próximo dessas comunidades.

O coordenador da COICA lembra que a ameaça representada pelo covid-19 resalta um problema mais amplo, ligado às deficiências das políticas dos Estados, que permitem a exploração sem controle das terras indígenas em países como Brasil, Colômbia ou Equador. Sem esquecer o proselitismo religioso, o tráfico de drogas e a perseguição de líderes sociais, que tornam qualquer trabalho de prevenção mais difícil.

"Não se trata apenas de um problema de saúde. É um problema de desmatamento e invasão de terras. Se não agirmos em conjunto com o governo e as organizações indígenas, pode haver um novo genocídio na Amazônia ", denunciou Mirabal.

Embora a covid-19 seja uma doença recentemente conhecida, para os povos indígenas da bacia amazônica, a ameaça revive o medo de patologias vindas de fora, como as que dizimaram seus ancestrais. Segundo o historiador americano Henry Dobyns, as doenças importadas pelos europeus na América (tifo, varíola, [sarampo](#), peste, etc.) mataram 95% da população do hemisfério durante os primeiros 130 anos da colonização.

